

Da leitura dos dados, ressaltamos os seguintes achados:

os conteúdos desenvolvidos na 1ª série pressupõem a posse, pelos alunos, de noções de conservação de quantidades, de classificação e de seriação; apesar de não termos encontrado caso de alunos que, havendo construído tais noções, estivessem em situação de fracasso, encontramos crianças que não as tinham construído, mas que conseguiram um desempenho compatível com as exigências de promoção para a 2ª série. Verificamos que isto acontece, porque é a aprendizagem da leitura e da escrita que está definindo o fracasso ou o sucesso do aluno e porque a forma, segundo a qual esta aprendizagem se dá, dispensa uma base cognitiva mais avançada; - as crianças que não conseguiram atender aos padrões mínimos de aprendizagem requeridos pela escola apresentaram, do ponto de vista cognitivo, atraso quanto à idade média em que se instalam as noções subsidiárias das referidas aprendizagens; - a escola não oferece, às crianças que revelam atraso, os meios necessários ao exercício do processo de abstração reflexiva, mecanismo responsável pelo desenvolvimento regular das estruturas cognitivas.

Todos os resultados expostos foram discutidos com vistas a elucidar os obstáculos que se interpõem entre a criança que não consegue aprender e o próprio conhecimento transmitido pela escola. Assim, esperamos ter realizado nosso objetivo fundamental: contribuir para a consolidação do direito à educação, direito conquistado pelo povo, porém assumido pelo Estado, segundo os moldes da ideologia liberal, que o encara como direito formal e não como condição imprescritível de cidadania.

LANZA, Avani Avelar Xavier. **Fracasso escolar e alfabetização**; uma crítica ao período preparatório. Orientadora: Magda Becker Soares. Belo Horizonte, Faculdade de Educação da UFMG, 1988. 244p. (Dissertação, Mestrado)

A intenção deste trabalho é suscitar uma reflexão mais profunda sobre a tradicional fase de preparação para a alfabetização, existente nas escolas.

Partindo-se de uma retomada teórica da problemática da evasão e da repetência na primeira série do Primeiro Grau, que tem como pano de fundo a alfabetização e suas múltiplas facetas, propõe-se um estudo sobre o período preparatório para a aprendizagem da leitura e da escrita, procurando-se detectar que papel ele teria na relação entre o fracasso escolar e a alfabetização.

Apresenta-se assim, uma crítica à prática pedagógica desenvolvida num período preparatório de uma escola pública, seguindo-se uma avaliação de um grupo de crianças quanto a determinadas habilidades lingüísticas e psicolingüísticas vinculadas à alfabetização.

O estudo crítico e a comparação entre o desempenho desse grupo de crianças em três situações - no período preparatório, ao final do ano letivo e nas habilidades selecionadas - permitiram constatar certos aspectos que levaram à conclusão de que há necessidade de se processar um redirecionamento na prática do período preparatório para a alfabetização para que ele deixe de ser um fator de discriminação, seleção e predição do sucesso ou do fracasso do aluno.

MACHADO, Maria Auxiliadora Campos Araújo. **O administrador escolar e o desempenho da clientela da 1ª série do 1º Grau**. Orientadora: Zenita Cunha Guenther. Belo Horizonte, Faculdade de Educação da UFMG, 1980. 132p. (Dissertação, Mestrado)

Identificar a influência do administrador escolar no desempenho dos alunos de 1ª série do ensino de 1º Grau, nas escolas estaduais de Minas Gerais é a proposta da dissertação.

Anualmente, ficam retidos ou se perdem, na passagem da 1ª para a 2ª série, aproximadamente 50% dos alunos matriculados. Ao que tudo indica, a maioria desses alunos são provenientes

de famílias de nível socioeconômico baixo e são atendidos nas escolas em que são também baixos o nível do sistema de administração escolar, o nível profissional do administrador escolar e as condições físicas da escola.

A partir desses dados, levantou-se a seguinte hipótese: existe uma relação entre o sistema de administração, o nível profissional do administrador escolar, as condições físicas da escola e o desempenho dos alunos da 1ª série do ensino de 1º Grau.

O sistema estadual do ensino de Minas Gerais foi descrito com base no exame de documentos oficiais e informações adquiridas por meio de questionários e entrevistas com o pessoal da escola e pais de alunos.

Os resultados obtidos indicam que os fatores estudados apresentam um estilo de comportamento pouco diferenciado nas escolas de dois estratos e não explicam as diferenças evidenciadas no rendimento escolar. Provavelmente, são outros fatores internos e externos à escola que influenciam os resultados escolares da 1ª série do ensino de 1º Grau, nas escolas estaduais de Minas Gerais.

OLIVEIRA, Leda Barbosa Mendes de. **Encontros e desencontros: a entrada no palco escolar**. Orientadora: Magda Becker Soares. Belo Horizonte, Faculdade de Educação da UFMG, 1986. 196p. (Dissertação, Mestrado)

O presente trabalho parte do pressuposto de que há, no confronto cultural dos primeiros dias de aula, uma relação de poder e um controle do conhecimento que não favorecem o desenvolvimento das crianças de classes trabalhadoras. Com o objetivo de descrever e analisar como esse confronto acontece na sala de aula, usou-se a pesquisa etnográfica, associada a outras metodologias.

Concluiu-se que "a profecia que se auto-cumpre" está presente, reforçando atitudes da professora, desfavoráveis à criança. "Síntese de múltiplas determinações" contextuais e pessoais, a sala de aula está sob a guarda de pro-

fessoras formadas em outras salas de aula, condicionadas pelos mesmos determinantes, que geram reações diversas, revelando protesto, descontentamento e até revolta. Conclui-se, ainda, que uma intervenção no processo pode alterar a reprodução sucessiva que acontece na escola, porque as crianças trazem um potencial que não está sendo explorado.

É necessário que se conheça bem a realidade, a fim de se agir criativamente numa práxis dirigida para a transformação da prática pedagógica e, possivelmente, da sociedade. Que seja um agir coletivizado, encontrando o novo nas contradições do cotidiano, constituindo um processo de luta em favor das novas gerações, especialmente das crianças de classes trabalhadoras e da sociedade como um todo.

OLIVEIRA, Zenaide Ferreira Fernandes de. Apesar de tudo, bem sucedidas...; um estudo sobre alfabetizadoras de escolas públicas de periferia. Orientadora: Léa Pinheiro Paixão. Belo Horizonte, Faculdade de Educação da UFMG. 1989. 244p. (Dissertação, Mestrado).

O estudo foi resultado do desejo de conhecer práticas bem sucedidas na alfabetização das crianças pobres das escolas públicas de periferia urbana.

Essas práticas, desenvolvidas a despeito de dificuldades e limitações, conferiam uma melhor qualidade à escola degradada, e esta atividade exercia sobre nós um grande fascínio.

Ora, a prática não tem sentido se desvinculada dos sujeitos que a engendram, e sendo assim, era necessário acreditar que a ação das pessoas tem um sentido e que alfabetizadoras "bem sucedidas" nessas escolas transformariam, de alguma forma, o pré-estabelecido. Mas, era preciso atentar para que a direção do trabalho não se reduzisse a uma longa e estéril listagem de traços ou características do bom professor, similar às listagens dos comportamentos de alunos que produzem objetivos desejados nem tampouco conduzi-lo para uma perspectiva de magistério como

arte, nessa visão seletiva que elimina os "não artistas" contribuindo para distanciar mais a função do magisterio de uma atividade profissional.

Era preciso ainda tornar clara a escolha das professoras para o estudo. Por que alfabetizadoras?

A prática das professoras "bem sucedidas" em contextos adversos não seria suficiente para nos permitir uma visão mais definida dos princípios que porventura estariam presentes ou seriam significativos nessas práticas?

Uma incursão teórica sobre o assunto foi decisiva. Ao privilegiar as alfabetizadoras "bem sucedidas" optamos por conhecer uma prática amplamente desafiadora: a alfabetização é fenômeno de natureza complexa, é prática social relevante no cotidiano das pessoas numa sociedade letrada, e significativa como tema de estudo, quando vimos persistir durante décadas o elevado índice de evasão e repetência na 1ª série do 1º Grau.

A partir dessas considerações nos interessamos pela figura da "alfabetizadora que acertava" ou da alfabetizadora "bem sucedida".

Conscientes do risco que poderíamos correr, não somente por causa da subjetividade sobre os dados, como também da validade dos critérios usados para julgamento, fomos, ainda assim, pressupondo essa alfabetizadora e estabelecendo algumas apostas. A revisão teórica sobre alfabetização englobando conceitos e categorias discutidas por educadoras compromissadas com a educação das crianças das camadas populares deram-nos a medida da amplitude das questões a serem analisadas. Além disso, a alfabetizadora tomada por nós como centro de interesse desse estudo, era "bem sucedida junto às crianças pobres "fadadas" ao fracasso escolar, assim, era de se supor que a origem social de seus alunos não estava sendo um obstáculo à sua prática pedagógica. Essa alfabetizadora acertava com as crianças desfavorecidas.

Era uma questão pedagógica?
Ideológica?

Ideológica e pedagógica?

A prática no dia-a-dia da escola ia desvelando questões importantes no cotidiano das alfabetizadoras; o que chamamos de manejo de classe, por exemplo, traduzia-se na prática como luta árdua para manter as crianças sentadas, o lápis apontado, o caderno limpo e sem dobras na ponta, não usando o dedo para limpar o nariz, falando um de cada vez, controlando o impulso de lutar com os colegas e agredir verbalmente a todos que os aborrecessem e ainda a vontade contínua de ir ao banheiro, de beber água, fazer ponta no lápis, buscar material emprestado na carteira do outro; são pequenas coisas, mas se todos os quarenta alunos levantam-se à hora que lhes convém, no conjunto da classe, o ambiente fica inadequado para o trabalho. A questão da disciplina, sem caráter antagônico e ambíguo, era vivenciada no interior da escola com muita densidade.

Qual era o significado da disciplina para as alfabetizadoras "bem sucedidas"?

Ainda quando deparávamos com questões aparentemente simples, como a presença do lúdico como característica muito presente nas experiências bem sucedidas de alfabetização, questionávamos:

São capazes do lúdico porque felizes?

Felizes no trabalho e também na vida pessoal?

Ou tornar lúdica uma prática nada tem a ver com o que chamamos de ser ou estar feliz?

Se "eram" ou "estavam" felizes no trabalho, a escola favorecia tal estado?

Aos poucos, os pontos de apoio e referência: quem faz o trabalho e como o trabalho é executado, foram-se tornando cada vez mais insuficientes para analisar toda a riqueza apontada no cotidiano do trabalho.

Quando "apostávamos" que a escola, como local de trabalho, era um referencial importante na vida das professoras, ou quando verificamos "o mal estar" que essas questões provocavam, não havíamos ainda percebido o essen-